

LINGUAGENS

COM

FERNANDA
PESSOA

Vénus de Willendorf, hoje também conhecida como Mulher de Willendorf ou Vénus de Willendorf, é uma estátua de Vénus estimada como esculpida entre 28 000 e 25 000 anos. Foi encontrada em 1908 por um trabalhador de nome Johann Szonert, que trabalhava na equipe do arqueólogo Josef Szombathy, situado perto de Willendorf, na Áustria. Foi esculpida em calcário oolítico, com altura representando estilisticamente uma mulher, descolada da base. O seu nome é devido ao local onde foi encontrada, e colorido com óxido vermelho. Num estudo publicado em 1990, os investigadores examinaram através de tomografias de raios X amostras de calcário de Vénus e de calcário oolítico, encontrados em vários locais da Europa: desde França a Áustria. O estudo, amostras de calcário de Sága de Ala, uma localidade no sul da Áustria, descobriu que "virtualmente indistinguíveis" do calcário Vénus. O calcário Vénus é uma variedade de calcário oolítico, que é a matéria-prima vir do sul dos Alpes. Os seus fragmentos continham fragmentos de minúsculos bivalves pertencendo ao género Oxytomidae. Esta peça é considerada a mais antiga escultura de Vénus, datada de 22 000 a 24 000 anos, quando o género agora extinto estava em declínio. Em 1990, após uma revisão da análise estratigráfica, a escultura foi estimada como esculpida há 22 000 ou 24 000 anos. Pouco se sabe sobre o significado cultural. A Vénus não pretende ser realista, mas sim feminina. A vulva, seios e barriga são extremamente realistas, com uma relação forte com o conceito da fertilidade. As pernas dobraram-se sobre os seios e não têm unhas. As mãos estão entrelaçadas em trincas, um tipo de penteado ou nenhuma. O apelido com que ficou conhecida é "Vénus de Willendorf". Pode-se dizer que quem conseguem ver nesta figura com características femininas, Christopher Witcombe, professor na University of Bristol, fez uma identificação irónica destas figuras com Vénus. Ele escreveu: "As correntes, na época, sobre o que era na época, sobre as mulheres e sobre o sentido estético". O professor Witcombe também disse que "o Vénus de Willendorf é visto como a deusa Mãe-Terra (Grande Mãe) da cultura europeia. A sua corpulência representa um elevado estatuto social num período em que a fertilidade, a imagem podia ser também um sinal de status social".



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

GRAMÁTICA NA PRÁTICA
TEXTO 03

TEXTO 3

A ETERNA EXPLORAÇÃO

Ladislau Dowbor, *economista*

Em diversas eras e sociedades a apropriação do produto social por minorias sempre esteve no centro da organização da sociedade como um todo. O ponto de partida é a própria existência do excedente social. Quando a produtividade de uma sociedade eleva-se permitindo que se produzam mais do que o básico necessário para as famílias aparece elites que reinvindicam por alguma razão e com justificativas mais ou menos duvidosas o direito à ter mais do que os outros apropriando-se do produto de terceiros.

No modo de produção escravagista apropriavam-se do que produzem os escravos uma apropriação baseada na força e explicada como legítima propriedade de pessoas. Quando Lincoln consegue que se aprove no século 19 o fim da escravidão não indenizou-se os escravos e sim os donos de escravos por perderem “propriedade”. Sempre houveram explicações que hoje chamamos de narrativas para justificarem o absurdo eram pretos ou selvagens ou não teriam alma como se dizia na época ou ainda foram capturados em “guerra justa” como também se dizia. O essencial era que produzissem um excedente que permitia o luxo dos proprietários e financiamento da repressão aos numerosos levantes. Era o modo de produção escravagista injusto mais estável durou muitos séculos inclusive com leis onde regiam o sistema da propriedade de seres humanos e religiões que as sacramentavam. A razão do mais forte sempre busca parecer justa.

No sistema feudal elites se apropriaram da terra base de qualquer economia antes que surgisse as máquinas. Os senhores feudais por razões diversas mas essencialmente por disporem de armas e fortificações em luta uns com os outros terminava por delimitar os feudos sendo que a população rural que vivia nas terras não seria propriedade do aristocrata mas seria sim regida por sistemas complexos de obrigações que a proibiam de deixar o feudo. Os homens eram servos serviam. O excedente produzido era apropriado na Idade Média e em grande parte da Renascença – na Rússia até 1917 – pelos “senhores”. Os trabalhadores da terra eram obrigados à ceder aos aristocratas grande parte da sua produção riqueza que permitia que o nobre tivesse um castelo vivesse com luxo e pudesse pagar a tropa que assegurava que o sistema se mantivesse.

Aqui também houveram inúmeras revoltas e repressões. Parte do excedente servia também para sustentar os conventos numa religião que a partir do século IV aliara-se aos poderosos e justificava o sistema como vontade divina. As leis asseguravam a coerência do sistema as regras do jogo por assim dizer inclusive por exemplo na Europa, o jus primae noctis que dava ao aristocrata o direito de se apropriar da primeira noite de casamento de uma camponesa. Os poderosos gostam da legalidade quanto sejajam eles à fazer as leis. E para os que a contestavam havia também a inquisição e outros sistemas repressivos. De toda forma era um modo de produção também durou séculos definido por uma base econômica a terra relações sociais de produção a servidão e formas de extração do excedente sob forma de imposições de diversos tipos. O conjunto eram regido por regras em boa parte respeitadas. A apropriação do excedente era baseada nas leis justificadas pelo sangue azul dos nobres sancionada pela igreja com narrativas e garantida pela repressão militar. Os bailes de Versalhes ou de Viena tinham de ser financiados por alguém. Witold Kula um historiador polonês escreveu para o sistema feudal o que Marx escreveu para o sistema capitalista. Era um sistema um modo de produção.

Ainda que os dois sistemas que mencionamos acima o escravagista e o feudal nos pareçam hoje historicamente distantes precisamos lembrar que a escravidão no Brasil existiu até o fim do século 19 nos Estados Unidos até a Guerra de Secessão que a exploração das populações colonizadas era geral e durou até meados do século passado e que o sistema de apartheid durou até ontem na África do Sul e perdura ainda na Palestina. Nem os Estados Unidos

nem o Brasil lograram ainda absorver e ultrapassar a opressão e as desigualdades herdadas do passado escravagista a África enfrenta penosamente a reconstrução necessária. O passado não é assim tão distante. É um rabo longo que demora à passar. Para muitos povos que com o fim do colonialismo foram erigidos em países ainda é estruturalmente decisivo.

O modo de produção capitalista, nos aparece com outro nível de legitimidade. Na base da transformação esteve o avanço científico a revolução energética o aumento da produtividade e portanto a possibilidade de gerar um ciclo sustentado de enriquecimento social. O Liberté, Egalité, Fraternité da Revolução Francesa ecoou pelo mundo. Com o Iluminismo a busca dos valores na sociedade passaram à abrir frestas no obscurantismo reduzira-se o número de mulheres queimadas como bruxas (“não permitirás que as bruxas vivam” instrui a Bíblia, Exodus 22:18), geraram-se a visão de enriquecimento como fruto legítimo do esforço e o conceito do mérito como virtude. A narrativa, evoluiu. O trabalhador, passou à ter a liberdade de pedir emprego e ser explorado. A revolução industrial trouxe outro nível de produtividade aumentou à prosperidade mas não para todos. Um avanço sem dúvida e o mecanismo de exploração evolui mas se mantêm as narrativas mudam e a repressão se moderniza. Em particular a exploração e violência mais direta se desloca para o Sul.

No estudo “A Formação do Terceiro Mundo” apresenta-se a dimensão global que o capitalismo adquire em que a industrialização da Inglaterra sistema bem capitalista se apoiou na reprodução da escravidão nos Estados Unidos e outros países que lhe forneciam matéria prima. O capitalismo do império britânico não teve reticências em usar de escravidão, trabalho forçado e massacres em diversas partes do mundo e hoje assistimos impressionados a Inglaterra se desculpando pelo que fez na Índia, Quênia e tantos outros países, a França pedindo desculpas à países africanos pelas violências do passado, os Estados Unidos pelo que fez no Irã. Daqui a alguns anos irão se desculpar pelo que fizeram no Afeganistão. Lembremos que a Bélgica no Congo foi responsável por milhões de mortes processo documentado no estudo “O Fantasma do Rei Leopoldo”, de Adam Hochschild. A prosperidade dos países hoje ricos, não se deve apenas à produtividade e racionalidade do sistema capitalista. A fraternité tem claros limites. Muitos até hoje, não se dão conta dos subsistemas primitivos e violentos em que se apoiou o chamado liberalismo capitalista. O Brasil contribuiu muito.

Em termos gerais o sistema capitalista dos países ricos se baseou em articulações com sistemas précapitalistas nos países colonizados ou simplesmente dependentes. Samir Amin em livro clássico chamou corretamente este sistema de ‘acumulação do capital em escala mundial’. Esta dimensão da acumulação permitiu uma apropriação do excedente por meio da exploração dos trabalhadores e apropriação da mais valia nos países centrais, mas também por meio da exploração colonial direta ou a troca desigual com a narrativa de trazer à civilização aos povos primitivos e evidentemente com a força militar. A religião aqui também frequentemente serviu de bálsamo civilizatório. Isso foi ontem meus anos de universidade eram contemporâneos com as lutas de libertação nas colônias. Hoje temos países independentes que podem decidir livremente por quem serão explorados se por sistemas de endividamento ou de troca desigual ou ambos. A exploração muda de forma as narrativas atualiza o discurso o controle militar se torna mais sofisticado. Mais estamos sempre servindo elites.



Erros mais comuns





Estamos juntos nessa!

